A razão pela escolha foi a de analisar um mercado que desde 2004 – ano de criação da Chinese Super League – assumia um crescimento de gastos em contratações internacionais comparados com o futebol europeu. Longe de ser um movimento puramente mercadológico, o crescimento dos gastos em contratações do futebol chinês está inserido em um grande plano maior para transformar o futebol do país em uma potência. Segundo Xi Jiping, em 2014, o país tem como objetivo ser campeão asiático de futebol até 2030 e ser campeão mundial até o ano de 2050. Mas como fazer isso? Em 2016, então, foi criado pelo Partido Comunista da China (PCC) o Plano de Desenvolvimento do Futebol Chinês (PDFC). Nesse grande plano, além de voltar gastos para a profissionalização do esporte no país, previa-se que era fundamental a contração de grandes estrelas do futebol para jogar dentro da Chinese Super League (CSL) para, desse modo, atrair os olhos do futebol mundial para o futebol chinês e, também, elevar o nível técnico da liga chinesa. Assim, como é possível observar nos dados colhidos, há um salto enorme de despesas dos anos de 2016, 2017 e 2018 em relação aos anos antecessores de 2014 e 2015. Como exemplo, segundo o sistema de transferências da FIFA (TMS), a CSL foi a liga que mais investiu no ano de 2017 em todo o mundo, ultrapassando, por incrível que pareça, a liga que historicamente é a mais valiosa e importante de todo o mundo, a Premier League.

Dentro dessa análise, os dados escolhidos de reforços e despesas selecionados cobrem um total de 15 temporadas, de 2008 até 2023. As temporadas estão denominadas ano/ano, pois seguem o calendário de temporadas da FIFA, facilitando a comparação de despesas e reforços entre as diversas ligas do mundo; porém, sabe-se que no futebol chinês a temporada começa em março e termina em novembro, tudo dentro de um mesmo ano. Outra ressalva é que os dados nos mostram somente transferências internas, já que o que nos interessa nessa análise é o quanto de jogadores entraram na liga chinesa e o total de preço gasto neles. Por isso, não faria sentido contabilizar as transferências de um clube chinês para um outro clube chinês.

Nos mostram os dados colhidos sobre os reforços contratados pela CSL, um total de 2950 jogadores, com uma média de 196.66 jogadores por temporada. O mínimo de jogadores contratados pela liga foi na temporada de 2008/09, totalizando 104 jogadores, enquanto que o máximo de jogadores contratados em uma temporada foi na temporada 2021/22, quando 271 jogadores chegaram à liga chinesa. O desvio padrão dessas amostras foi de 11.06 e a variância das amostras foi de 1836.23. A assimetria, que foi de -0.23815, acabou assumindo uma distribuição negativa dentro da normal.

Desses dados acima, é possível notar que o mínimo de jogadores que entraram no país ocorreu antes da criação do PDFC, em 2016, e somente quatro anos após a criação da liga, em 2004, enquanto a mesma ainda estava engatinhando. O máximo de jogadores que entraram no país, por sua vez, ocorreu na temporada 21/22, após uma séria de novas regulações sobre o futebol chinês, que veremos mais à frente, criadas a partir de 2017.

Sobre os dados relacionados aos preços gastos em transferências dentro do período escolhido, pode-se observar um total de 2,113,338,162 de euros, com uma média de 140,889,210.8 milhões de euros. O maior preço transacionado ocorreu, como era de se esperar, na temporada 2016/17 e assumiu um total de 543,150,300; enquanto isso, a temporada de 2009/10, registrou o preço mínimo de despesas em contrações, contabilizando, ao todo, 2,681,175 de euros. Com isso, registrou-se um 161,927,094.734657 de euros em desvio padrão e, também, uma assimetria de 1.51, uma distribuição positiva fora da normal.

Como é possível observar por meio dos dados referentes às despesas, há um claro aumento dos gastos após a criação do PDFC. Porém, há, também, uma redução partir da temporada de 2019/20, quando começaram a se fazer sentir os efeitos das novas leis no futebol chinês. A primeira delas, criada em meados de 2017, foi a de taxação de 100% em cima de contratações internacionais que ultrapassassem o valor de 5,9 milhões de euros; a segunda, também decisiva, aconteceu na virada de 2019 para 2020, onde se instituiu um teto salarial anual para os jogadores da liga: estrangeiros tinham um teto de 3,3 milhões de dólares e chineses de 1,4 milhões de dolares. Por mais que pareçam danosas, todas essas novas leis fazem parte do mesmo plano maior, mencionado mais acima, para desenvolver o futebol chinês. A escolha por essas novas limitações pode ser explicada no sentido de desenvolver cada vez mais futebol interno do país, trocando os gastos em grandes estrelas do futebol mundial por gastos voltados ao desenvolvimento de atletas dentro da própria China, como as categorias de base. Além dessa legislação em relação aos jogadores, outra lei foi instituída, entre os anos de 2020 e 2021, que proibia o nome das empresas (donas dos clubes) nos nomes dos times de futebol. Por exemplo, um dos maiores clubes do país o Guangzhou, foi obrigado a alterar seu nome de Guangzhou Evergrande para Guangzhou FC. Longe de ser uma simples legislação para atacar o grande capital, ela se encontra, também, dentro do mesmo plano maior que, além de desenvolver tecnicamente o futebol, busca criar uma cultura futebolista no país, e, para isso, torna-se imprescindível fazer com que, pelo menos nas aparências, o futebol não seja algo totalmente mercadológico, mas sim social e cultural, como é na Europa e na América Latina.

Juntando os dados de reforços e despesas após as legislações restritivas aos gastos do futebol chinês, é possível notar que, apesar de diminuírem bruscamente os gastos na temporada 21/22, essa foi a temporada que atingiu, também, um máximo de contratações. Isso pode nos mostrar, abstraindo-se as qualidades técnicas individuais de cada jogador, uma maior eficiência das contratações, ou seja, contratou-se mais com menos recursos.

Outros fatores para a redução dos gastos em contratações que foram excluídos da análise, mas que certamente influenciaram muito, foram a questão da paralização do futebol chinês durante a pandemia de Covid no ano de 2020 e, também, a redução do crescimento do PIB chinês nesse mesmo ano, que de 6,1% em 2019 passou a 2,3%.

Referências:

<https://www.transfermarkt.com/>

<http://saopaulo.china-consulate.gov.cn/pl/xwdt/201604/t20160414_4214817.htm>